

Dívida em títulos do país pode alcançar R\$ 1 tri

Segundo Tesouro Nacional, este é o tamanho do prejuízo de uma possível guerra no Iraque para a economia brasileira

Ailton de Freitas

Vivian Oswald

• **BRASÍLIA.** O governo trabalha com a possibilidade de o total da dívida mobiliária federal (em títulos) chegar a R\$ 1,02 trilhão ainda este ano, se houver uma guerra contra o Iraque e os indicadores da economia brasileira se deteriorarem. Neste caso, a dívida terá um crescimento de 14,1% em relação aos R\$ 893,3 bilhões de 2002. Pelas projeções do Tesouro, somente o estoque da dívida interna subiria 20%, dos R\$ 623,2 bilhões de 2002 para R\$ 750 bilhões. O resto da dívida corresponde ao endividamento externo do país.

Este é o cenário mais pessimista projetado para 2003 e, além da guerra, envolve alta do dólar, da inflação e das taxas de juros.

— A guerra já está incluída no nosso planejamento — disse o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy.

Demanda por papéis do governo está em alta

Em um cenário mais otimista, a projeção do Tesouro é que a dívida total chegue a R\$ 940 bilhões, sendo R\$ 690 bilhões referentes à parcela dos títulos no mercado interno. Para os dois cenários, o endividamento do país em títulos deve crescer de 5,22% a 14,1% no período.

Levy salientou que os cofres públicos contam neste momento com R\$ 50,8 bilhões que podem ser usados para resgatar os títulos da dívida que esti-

verem vencendo e não possam ser rolados. Mas, mesmo em caso de guerra, o secretário acredita que não será necessário usar estas reservas porque hoje há uma demanda grande pelos papéis do governo.

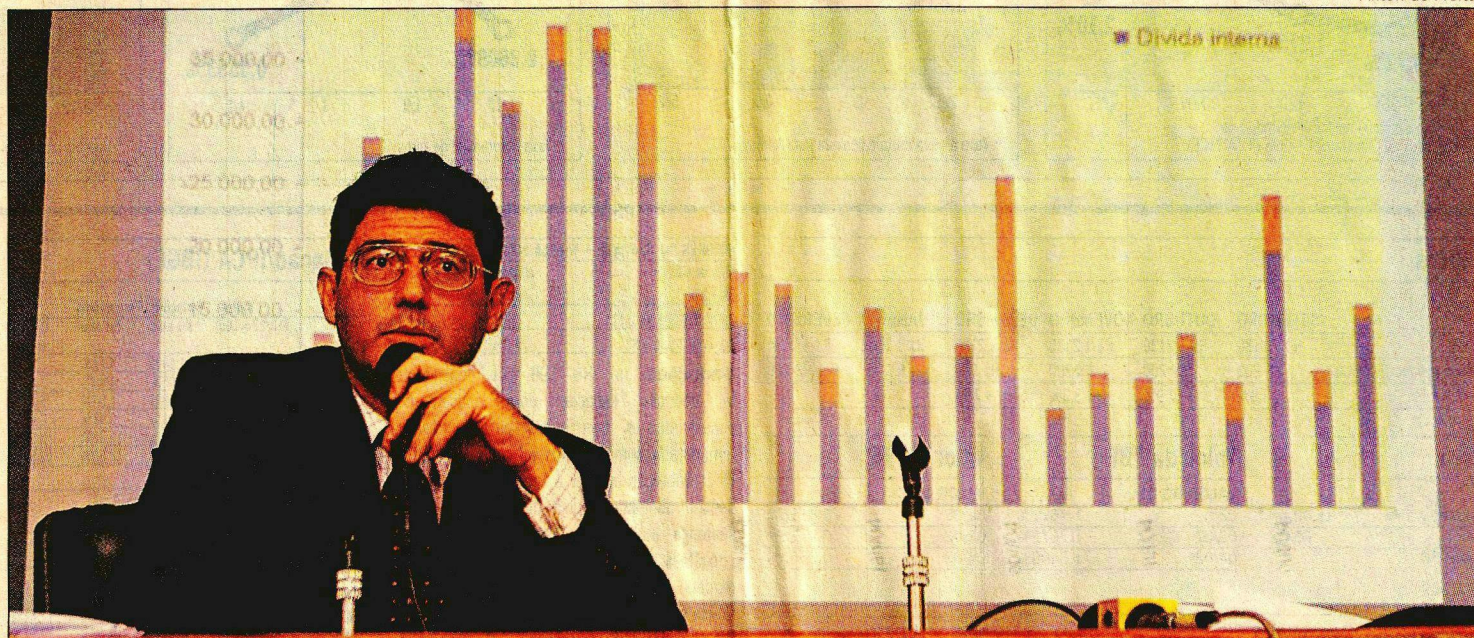
— Os títulos públicos são uma poupança dos investidores. Ninguém vai deixar de guardar se houver uma guerra. Temos observado uma boa demanda pelos nossos papéis este ano — disse.

O governo quer retomar a política de ampliação dos prazos da dívida, interrompida em 2002 pela crise econômica a partir do segundo semestre. A intenção é que a parcela da dívida que vence em 12 meses fique entre 35% e 40% do total. Em 2002, essa participação era de 38,9%, contra cerca de 25% no fim de 2001.

O secretário disse que em janeiro o Tesouro já conseguiu fazer emissões líquidas devido ao bom desempenho dos leilões de títulos públicos no período. Este ano, o Tesouro pretende aumentar a participação da dívida mobiliária prefixada e dos títulos corrigidos pela inflação. No ano passado, a maioria dos indicadores da dívida ficou abaixo das faixas previstas pelo governo no planejamento de 2002 e a dívida cambial bateu um recorde. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Os fundos FGTS-Petrobras em caso de guerra no Iraque
www.oglobo.com.br/economia



O PLANEJAMENTO DO Tesouro já inclui o pior cenário para o ano, com uma guerra longa no Oriente Médio, segundo o secretário Joaquim Levy